

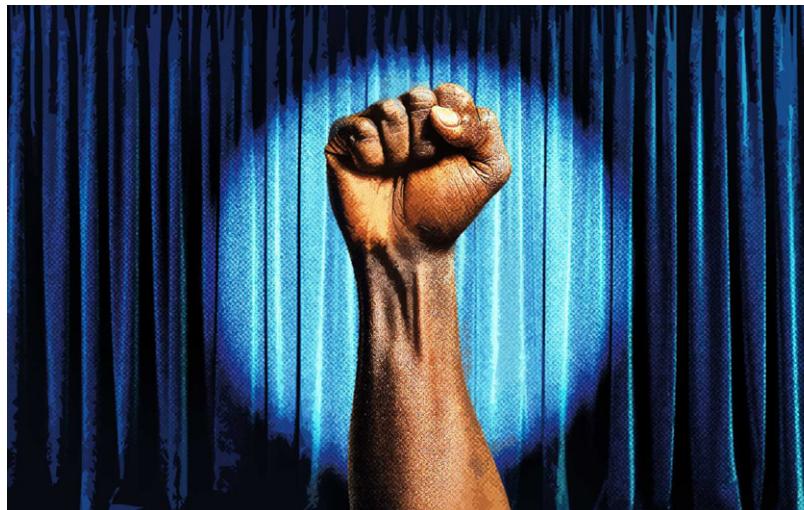


Sobre técnica e cuidado: corpos negros no palco

Os mestres nos ensinam a viver a arte além da técnica. Ao longo da minha trajetória como trabalhador da arte, aprendi isso no fazer cotidiano. Um dos meus grandes mestres foi o carioca João das Neves que, coincidentemente ou não, encantou-se no dia 24 de agosto de 2018, mesmo dia em que eu completei 30 anos. Foi com João — ator, diretor e dramaturgo que fundou junto a outros grandes nomes o Grupo Opinião, marca no teatro brasileiro de protesto e resistência — que aprendi que arte, política, cuidado, amor, resistência e técnica são inseparáveis.

A expertise de uma pessoa técnica que trabalha com espetáculos musicais e cênicos é fundamental para que tudo aconteça da melhor forma, isso é indiscutível. Não se alcança a plateia nem se causa o efeito esperado se não tiver cenário, iluminação e sonorização adequados e concebidas especificamente para cada espetáculo. Mas a responsabilidade do técnico que trabalha com espetáculos protagonizados por artistas negros — especialmente com o teatro negro — vai além de conceber ideias e garantir que os equipamentos funcionem na hora certa. Precisamos levar em conta o quanto nossos corpos são marcados por violências e hostilidades que nos fazem experimentar cotidianamente a dor e o desconforto.

Sendo assim, o trabalho de um técnico na arte negra precisa levar em consideração o conforto mental e físico da pessoa artista, para que ela consiga expressar o seu trabalho com plenitude, sem se preocupar com nada além



daquilo que preparou para entregar no palco. Toda a parte de cenário, iluminação, sonorização deve ter como princípio criar um ambiente confortável e seguro para que ela possa se expressar da melhor forma. Infelizmente, a realidade nem sempre é assim. O que mais se vê são cenários prontos chegando no dia da apresentação, iluminações sem levar em consideração a cor da pele do artista, sonorização padrão, que não valoriza o timbre de cada pessoa, e relações hierarquizadas sem afeto e sem respeito pela individualidade de cada história.

Quem trabalha com a arte negra sabe que não pode ser assim. A iluminação que valoriza uma pele negra não é a mesma que realça uma pele clara. O som que abraça a voz de uma mulher preta cantando um conga não pode ser o mesmo que amplifica a voz de uma cantora de baladas pop. A cenografia, a sonorização e

promisso. Exige, sobretudo, entender a pessoa artista como um ser de força e fragilidade, que precisa ser evidenciado e ao mesmo tempo protegido. Porque é, sim, sobre conceber com originalidade, e também sobre operar bem equipamentos. Mas é também — e principalmente — sobre criar um ambiente onde o artista negro possa brilhar com dignidade e segurança.

Desse modo, ser técnico no mundo da arte é um ofício de bastidor, mas é também um ofício que envolve resistência, persistência e muito amor. É essa a essência de João das Neves e do Grupo dos Dez. É essa a essência que quero imprimir na CACO, espaço de criação, gestão e produção que estou ajudando a fundar aqui no Distrito Federal. A ideia está bem conectada com o nome: transformar “cacos” em mosaicos de significado, gerando novos conceitos e narrativas artísticas que valorizem o trabalho criativo, promovam a reflexão social e incidam positivamente na sociedade. Por enquanto, é só uma ideia em movimento. Mas é de caco em caco que peças diversas se unem para formar um todo coeso e belo.

***Italo Tadeu é cenógrafo, cenotécnico, técnico de som e iluminador cênico. Atua desde 2007 com artistas e grupos de teatro negros de Belo Horizonte. No DF, é idealizador da CACO — coisas, artes e conceitos, empresa de criação, gestão e produção dedicada a reunir fragmentos de saberes para reconstruir a experiência cultural no cenário contemporâneo.**